

1

## Aquilo que a Al-Qaeda destruiu

A palavra «humanidade» é perfeitamente repulsiva; não exprime nada de definido e só serve para acrescentar à confusão de todos os restantes conceitos uma espécie de semideus mestiço.

ALEXANDER HERZEN<sup>1</sup>

Os guerreiros suicidas que atacaram Washington e Nova Iorque a 11 de Setembro de 2001 fizeram mais do que matar milhares de civis e demolir o World Trade Center. Destruíram o mito dominante do Ocidente.

As sociedades ocidentais regem-se pela crença de que a modernidade é uma condição única, idêntica em todo o lado e sempre benigna. À medida que as sociedades se tornam mais modernas, mais parecidas se tornam. Ao mesmo tempo tornam-se melhores. Ser moderno significa realizar *os nossos* valores — os valores do iluminismo, como gostamos de os pensar.

Não há cliché mais surpreendente do que aquele que descreve a Al-Qaeda como uma regressão aos tempos medievais. Ela é um produto secundário da globalização. Como os cartéis mundiais da droga e as empresas virtuais que se

desenvolveram na década de 90, evoluiu num tempo em que a desordem económica criava vastas aglomerações de riqueza em países onde os impostos eram menos pesados e o crime organizado se tornara global. O seu aspecto mais evidente — projectar uma forma clandestina de violência organizada a nível mundial — era impossível no passado. Do mesmo modo, a convicção de que é possível acelerar a criação de um mundo novo através de actos espectaculares de destruição não se encontra em parte nenhuma na época medieval. Os precursores mais próximos da Al-Qaeda são os revolucionários anarquistas dos finais do século XIX da Europa.

Quem pensa que o terror revolucionário não é uma invenção moderna está a esquecer a história recente. A União Soviética foi uma tentativa de dar corpo ao ideal do iluminismo de um mundo sem poder e sem conflitos. Em nome desse ideal matou e escravizou dezenas de milhões de seres humanos. A Alemanha nazi cometeu o pior acto de genocídio da história da humanidade. Fê-lo com o objectivo de produzir um novo tipo de ser humano. Nenhuma época anterior acalentou projectos semelhantes. As câmaras de gás e os *gulags* são *modernos*.

Há muitas maneiras de ser moderno, algumas delas monstruosas. Contudo, a convicção de que há uma única maneira de o ser, e que é sempre uma coisa boa, tem raízes profundas. A partir do século XVIII chegou a acreditar-se que o crescimento do conhecimento científico e a emancipação da humanidade caminhavam a par e passo. Esta fé no iluminismo — pois em breve adquiriu contornos religiosos — foi expressa muito claramente num movimento intelectual do século XIX, exótico, por vezes ridículo, mas largamente e durante muito tempo influente, que deu a si próprio o nome de positivismo.

Os positivistas acreditavam que à medida que as sociedades começassem a basear-se na ciência se tornariam, forçosamente, mais semelhantes. O conhecimento científico geraria uma moralidade universal em que o objectivo da sociedade seria produzir tanto quanto possível. Com o uso da tecnologia, a humanidade estenderia o seu poder aos recursos da Terra e venceria as piores formas de escassez natural. A pobreza e a guerra poderiam ser abolidas. Através do poder que lhe era dado pela ciência, a humanidade seria capaz de criar um novo mundo.

Houve sempre divergências acerca da natureza desse novo mundo. Para Marx e Lenine ele seria uma anarquia igualitária sem classes, para Fukuyama e os neoliberais, um mercado livre universal. Estas visões de um futuro alicerçado na ciência são muito diferentes; mas isso não enfraqueceu de modo nenhum a força da fé que elas expressam.

Através da sua profunda influência sobre Marx, as ideias positivistas inspiraram a desastrosa experiência soviética no planeamento da economia central. Quando o sistema soviético se desmoronou, as mesmas ideias reemergiram no culto do mercado livre. Chegou-se a acreditar que só o «capitalismo democrático» ao estilo americano seria verdadeiramente moderno, e que estaria destinado a propagar-se a todo o mundo. Quando tal se verificasse surgiria uma civilização universal, e a história deixaria de existir.

Esta poderá parecer uma crença fantástica, e de facto é. O mais fantástico é que se continua a acreditar largamente nela. É ela que modela os programas dos partidos políticos de maior relevo em todo o mundo. É ela que orienta as políticas de organizações como o Fundo Monetário Internacional. É ela que estimula a «guerra contra o terrorismo», em que a Al-Qaeda é vista como uma relíquia do passado.

Esta visão está simplesmente errada. Tal como o comunismo e o nazismo, o Islão radical é moderno. Apesar de alegar que é antiocidente, é tão modelado pela ideologia ocidental como pelas tradições islâmicas. À semelhança dos marxistas e dos neoliberais, os islamitas radicais vêem a história como um prelúdio para um novo mundo. Todos eles estão convencidos de que podem refazer a condição humana. Se acaso existe um mito exclusivamente moderno, é este.

No novo mundo, tal como a Al-Qaeda o imagina, o poder e o conflito desapareceram. Esta é uma invenção da imaginação revolucionária, e não a receita para uma sociedade moderna viável; mas neste aspecto o novo mundo imaginado pela Al-Qaeda em nada difere das fantasias planeadas por Marx e Bakunin, por Lenine e Mao, e pelos evangelistas do neoliberalismo, que tão recentemente anunciaram o fim da história. E tal como aconteceu com esses movimentos ocidentais modernos, a Al-Qaeda encaixará nas imutáveis necessidades humanas.

O mito moderno é que a ciência permite à humanidade ser senhora do seu destino; mas a «humanidade» é ela própria um mito, um resíduo empoeirado da fé religiosa. A verdade é que existem apenas humanos, fazendo uso do conhecimento crescente que lhes é dado pela ciência para prosseguirem os seus objectivos conflituosos.

## Três projectos modernos

A Europa, em 1914, atingira talvez o limite do modernismo [...] Toda e qualquer mentalidade, fosse qual fosse o seu alvo, era uma encruzilhada de todos os matizes de opinião; cada pensador era uma exposição internacional do pensamento. Havia obras intelectuais em que a riqueza de contrastes e de tendências contraditórias se assemelhava aos loucos espectáculos de luz nas capitais daquele tempo [...] Quanta riqueza material, quanto trabalho e projectos foram precisos, quantos séculos foram esquadrihados, quantas vidas heterogêneas se juntaram, para tornar possível esse carnaval, e para o erigir como o conhecimento supremo e o triunfo da humanidade!

PAUL VALÉRY<sup>1</sup>

Há cem anos, a Europa considerava-se o modelo para todo o mundo. Favorecida por um poder económico e militar esmagador, a sua civilização parecia superior a todas as outras. A maior parte dos europeus não duvidava de que no decurso do século vinte os valores europeus seriam aceites em toda a parte.

Num certo sentido, tinham razão. O comunismo soviético, o nacional-socialismo e o fundamentalismo islâmico